

MUNDARÉU: UM *PODCAST* DE ANTROPOLOGIA COMO UMA FERRAMENTA POLIVALENTE

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2021.172390

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-7614-1382>

SORAYA FLEISCHER

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 70297-400
dan@unb.br

JULIA COUTO DA MOTA

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-8665-7008>

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 70297-400
ics@unb.br

RESUMO

Este artigo trata de caracterizar o processo de criação do Mundaréu, um dos primeiros podcasts de Antropologia lançados no país. Ele é produzido em parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo (LABJOR) na Universidade Estadual de Campinas e o Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília. O artigo discute o que é podcast, podcasting, podosfera, podcasts como divulgação científica, e o formato de podcasting em Antropologia para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Apresenta e reflete sobre as etapas de produção do Mundaréu e seu processo de criação no último biênio.

PALAVRAS-CHAVE

Podcast;
Antropologia;
Divulgação
científica.

ABSTRACT

This article is about characterizing the creation process of Mundaréu, one of the first Anthropology podcasts launched in Brazil. It is produced as a partnership between the Laboratory of Advanced Studies in Journalism (LABJOR) at Universidade Estadual de Campinas and the Department of Anthropology at the Universidade de Brasília. The article discusses definitions of podcast, podcasting, podosphere, podcasts as science communication and Anthropology podcasting as an activity of teaching, research and extension. The article presents and reflects on Mundaréu's production steps and creation process along the last biennial.

KEYWORDS:

Podcast,
Anthropology,
Science
communication.

1 INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O MUNDARÉU¹

O Mundaréu é um podcast de Antropologia, idealizado por duas amigas, colegas antropólogas, Daniela Manica do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Unicamp) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Unicamp) e Soraya Fleischer do Departamento de Antropologia (UnB). Foi concebido em 2018, passou sendo organizado ao longo de 2019. Foi lançado em novembro de 2019 e terminou sua primeira temporada, com oito episódios, em julho de 2020. Parte, nesse momento, à sua segunda temporada, a ser lançada em novembro de 2020.

O Mundaréu tem um propósito principal: apresentar, traduzir e ampliar o entendimento da Antropologia como uma área de estudos das Ciências Sociais. Pretende, a um só tempo, produzir conteúdos para o público acadêmico, especialmente em sala de aula, e para o público mais geral, que nem sempre tem contato com o mundo científico. Dentre as três áreas das Ciências Sociais, a Antropologia talvez tenha o nome mais exótico e menos conhecido, à primeira vista. Há muita confusão sobre o que a área faz, com associações imediatas com a Arqueologia, Museologia, Paleontologia. São comuns as perguntas sobre nossos temas de pesquisa, nossas formas e métodos de trabalho, nosso potencial de empregabilidade². Enfrentamos um problema de tradutibilidade, visibilidade e divulgação. No último ano, surgiram muitos *podcasts* das Ciências Humanas e Sociais. No caso da Antropologia, vários novos podcasts foram lançados, a partir de iniciativas de discentes e docentes de universidades de todo país, e também iniciativas privadas. Adiante, detalharemos essa comunidade. O intuito de divulgação científico une todos eles, mas há diferentes formatos, durações, participantes, periodicidades etc. (Fleischer e Manica, 2020).

Ainda que, para fora da área, seja necessário um esforço de apresentação e tradução, para dentro da área, são outros os desafios a enfrentar. Os processos de formação na Antropologia precisam ser oxigenados com materiais pedagógicos inovadores e criativos. Os principais meios de publicação da Antropologia são livros e artigos em periódicos. Blogs e canais de *Youtube* têm surgido, timidamente. Mas há uma concentração no texto escrito, até um certo grafocentrismo, como tem sugerido a antropóloga Luísa Günther (2013). Como efeito colateral, a Antropologia sofre de certa fadiga visual. Aos estudantes de pós-graduação, por exemplo, é demandada

1. Esse texto foi muito beneficiado pela leitura atenta, crítica e afetiva de muitos da equipe do Mundaréu, especialmente de Daniela Manica, bem como de pareceristas generosos da revista *Gis*.

2. Visando justamente tensionar este estranhamento com a área, o teaser de lançamento do Mundaréu, publicado em novembro de 2019, reuniu várias das perguntas e comentários que ouvimos ao nos apresentar como sendo da Antropologia. Ver o arquivo de áudio disponível na capa do sítio eletrônico: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>

uma carga de leitura de, em média, 300 páginas por semana. Produzir um *podcast*, um material auditivo, pretende criar e aproveitar outro sentido e outro meio para falar de Antropologia. Com isso, desafogam-se os olhos, descentra-se da visão, alivia-se a inundação visual reportada por muitas pesquisadoras da área. Há também uma possibilidade de inclusão, ao considerar o público com baixa visão ou deficiência visual, por exemplo. A aposta é de que o aprendizado de Antropologia possa chegar de outra forma, mais direta, acessível e democrática.

O Mundaréu optou por reunir uma dupla, uma antropóloga ou antropólogo e uma interlocutora ou interlocutor de sua escolha, alguém que tenha participado significativamente de sua pesquisa. Esse formato pretende provocar o modelo mais canônico de apresentação de resultados de uma pesquisa, em que a cientista narra como desenhou o projeto, onde o realizou, seus principais achados. No Mundaréu, essa narrativa é desafiada por outra pessoa que esteve na cena de pesquisa, a interlocutora. A dupla irá, então, lembrar conjuntamente das histórias que permitiram que a pesquisa acontecesse. Há muitos fatos coincidentes, sobre os quais concordam e se complementam. Mas há momentos em que discordam, trazem versões diferentes e igualmente interessantes para o diálogo. Do lado da pesquisadora, somos informadas sobre etapas mais familiares, como a bibliografia mobilizada, a busca por financiamento para viagens, escolha de bairro ou cidade onde realizar o estudo. Por parte da interlocutora, somos apresentadas a temas menos comuns, por exemplo, como se sentiram ao terem sua comunidade, família ou casa pesquisados, os motivos para aceitarem a presença da pesquisa e da pesquisadora, o que essas pesquisas acrescentaram em suas vidas etc.

Esse tipo de encontro, com intensas interpelações, reencena, de alguma forma, como o trabalho de campo – a pesquisa antropológica por excelência – pode ter acontecido. O Mundaréu não tem, claro, um pleito realista, mas deseja que mais vozes sejam trazidas para o debate público sobre Antropologia, que o diálogo seja a tônica do programa, semelhante ao que as antropólogas encontram e enfrentam nos diversos espaços por onde fazem pesquisa, apresentam e respondem perguntas. Mas, claro, as conversas que realizamos com a dupla, seja prévia e individualmente por telefone, seja coletivamente no estúdio, produzem também novos contextos e situações para falar desta relação, desta produção de Antropologia. E, com tudo isso, podemos ter uma percepção mais ampla sobre o trabalho de pesquisa e suas nuances, entender como se dá a interação das partes, por exemplo. A ideia é primar pela relação entre pesquisa e escrita como uma “prática etnográfica”, a ser feita em coautoria e coprodução com as interlocutoras de pesquisa (MANICA et al, 2018). São iniciativas que tensionam e ampliam os formatos canônicos da Antropologia e tem o potencial de, idealmente, alcançar um público mais amplo.

O Mundaréu pretende centrar-se nas histórias contadas pelas pesquisadoras e interlocutoras convidadas. Histórias são narrativas que, muitas vezes, têm começo, meio e fim, com enredo, suspense e aventura. Histórias mobilizam as emoções, estimulam a imaginação e exigem uma participação mais ativa do público. Narrativas em primeira ou terceira pessoa permitem que o público se aproxime da contadora ou depoente, alimentando, por exemplo, conexão e empatia pela sua experiência ou relato pessoal (Charon, 2006). A narrativa, assim, facilita que se transporte de um mundo a outro, que mundos diferentes possam se comunicar. O discurso mais informal da conversa, por exemplo, já ajuda a estabelecer um tom agradável para confidências e lembranças. Assim, o projeto visa expandir o texto e chegar também ao áudio, explorando a habilidade de contar histórias, e de imaginar outras estórias, outros presentes e futuros possíveis (HARAWAY, 2016). Essa é uma chamada urgente no presente momento, em que carecemos de sentidos compartilhados, de uma ética humanista e de imaginação.

Como a Antropologia tende a acontecer a partir das relações estabelecidas com as pessoas em campo e fora dele, ao trazer a dupla estamos evidenciando a existência desse pressuposto, dessa relação. Uma das apostas é que a conversa seja permeada por histórias, de como a dupla se conheceu, como foram as primeiras impressões, como essas impressões foram aprimoradas com o tempo. No Mundaréu, priorizamos as narrativas que detalham as passagens, descritas com detalhes, sobre onde a dupla circulou, quem encontraram, com quem conversaram. Momentos vívidos de comunhão, mas também de conflito, de resolução, de restituição, de novas formas de conviver. Contudo, ao trazer a dupla para dentro de uma única conversa, fica evidente justamente como a fala da antropóloga não se confunde com a de sua interlocutora, são duas perspectivas, duas vivências da Antropologia.

O contar rege o Mundaréu, é um resgate da oralidade, da cadência de fala, do sotaque de origem. E o meio de áudio permite que essas informações cheguem em primeira mão, não necessariamente mediadas pelo texto e a interpretação das pesquisadoras, como é o caso nas monografias e artigos científicos mais convencionais. “Nossas interlocuções nos instiguem a inventar outras formas de contar suas vidas, talvez nossa oralidade nos impila a oxigenar os textos com outros ingredientes, talvez devamos explorar meios além do papel, como o *podcast*, romance, filme, *blog*, história em quadrinhos ou WhatsApp” (FLEISCHER, 2018, p. 213).

Este texto, pois, pretende tecer o processo de criação de algo novo, sendo o Mundaréu o primeiro *podcast* de Antropologia da UnB e da Unicamp e um dos primeiros da área no país. Vamos relatar o caminho que percorremos para produzi-lo para servir como mais uma

referência de criação de *podcasts* científicos e, assim, ampliar o campo e somar à comunidade de *podcasters*, para incentivar que discentes e docentes trabalhem juntos em projetos de *podcasting*, para contribuir com uma Antropologia pública e engajada em sua própria divulgação (HOWELL, 2010).

Para tanto, nesse artigo, vamos discutir sobre *podcasts*, embora o conjunto bibliográfico disponível ainda seja muito incipiente. Fica claro como a reflexão sobre o *podcasting* ainda está aquém e desproporcional à produção e veiculação dos programas. Nosso acervo de referências conta com um primeiro conjunto de autoras, mas nenhum da Antropologia, o que demonstra a necessidade de sistematizarmos mais intensamente nossas experiências na *podosfera*, como produtoras e consumidoras dessa mídia. Depois, apresentaremos a estrutura, as tarefas da equipe e modo de construção do *Mundaréu*. Por fim, ao elencar algumas ideias sobre o último ano de trabalho com esse *podcast*, também apontamos para os desafios de criar e mantê-lo. Almejamos deixar alguns de nossos aprendizados com essa mídia pouco comum e ainda pouco familiar em nossa área, na expectativa de adensar e problematizar este campo.

2 PODCASTS COMO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

2.1 PODCAST E PODCASTING

Partindo para a explicação dos termos, o *podcast* é uma mídia que tem por base o áudio. Para Lenharo e Cristovão (2016, p. 311), o próprio termo *podcast* pode causar certo estranhamento naqueles que mantêm pouco contato com o meio digital. Segundo Medeiros (2006), porém, a versão mais divulgada e aceita pelos autores (SOUZA e MARTINS, 2007, MOURA e CARVALHO, 2006) é a que considera *podcast* como derivado da junção de dois termos: *broadcasting* (radiodifusão) e *iPod*, dispositivo de áudio da marca *Apple* que executa arquivos de áudio no formato MP3. Mas há outra explicação, de que “pod” seria uma sigla, “program on demand”, quando programas de rádio começaram a ser produzidos para públicos específicos, nichos circunscritos de ouvintes (FREIRE, 2013, p. 47). Essa definição nos parece mais ampla e democrática do que derivar o nome de uma única marca de eletrônicos. Além do mais, essa definição, a nosso ver, reforça o parentesco do *podcast* com a mídia radiofônica, muito mais antiga e pioneira. Rádios, por mais que pudessem chegar longe e a milhares de pessoas, desenvolvem seus programas e estilos em diálogo com uma comunidade em vista.

O *podcast* é um arquivo de áudio disponibilizado na internet e distribuído pela internet. Está disponível de modo gratuito ou não, por usuários da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações, até para fins educacionais e técnicos. De acordo com Medeiros (2006), o primeiro *podcast* foi produzido em

2004 por Adam Curry, na época conhecido apenas como apresentador do canal de televisão MTV, mas que, posteriormente, foi alcunhado como *podfather* (pai do *podcast*).

Segundo Alex Primo (2005, p. 17) de um ponto de vista técnico, não seria inadequado afirmar que o *podcast* trata-se de “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na internet” (*apud* FREIRE, 2015, p. 1038). E, mesmo tendo o áudio como veículo, a produção de áudio difere do modelo tradicional de muitas rádios pela maior variedade de acesso e o foco no conteúdo. O arquivo pode ser em formato MP3 e ser ouvido *on-line*, via *streaming*, pelo tocador de áudio digital de preferência da usuária ou baixados e guardados para audição futura (FREIRE, 2013, p. 151). Guerrero, Duque e Peña (2017, p. 83) afirmam que o tipo de *download* não constitui uma limitação para o acesso a produtos de rádio devido às vantagens da largura de banda disponível para a internet móvel, doméstica e institucional em nossos dias.

Freire explica ainda que esta não é uma ferramenta que se limita ao áudio, pois há “a modalidade de *podcast* para surdos, a qual se trata da “reprodução em texto das falas dos participantes dos programas” (FREIRE, 2011, p. 201). Deste modo, “essa prática mantém parcialmente a oralidade, na medida em que reproduz, por meio de seu texto, a fluência dos falantes, ao passo que prescinde do uso de arquivos de áudio, característica não prevista nas definições estritamente técnicas da tecnologia aqui tratada” (*ibid*, p. 202). E o autor reforça, “em vista disso, o *podcast* revela-se não uma tecnologia de áudio, mas de oralidade” (FREIRE, 2013, p. 42).

Já *podcasting*, segundo Vicente, é a prática que consiste na produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc. (VICENTE, 2018, p. 97). Nesses termos, a prática do *podcasting* teria um equivalente aproximado em uma gravadora ou um estúdio que produz várias músicas de um disco ou de uma cantora ou vários capítulos de uma única série de televisão. Vicente documentou a diversidade temática dos *podcasts*: jornalístico, ficcional, identitário, científico e cultural (pp. 98-103). E acrescenta:

O universo dos *podcasts* é ocupado também por produções muito distintas daquelas aqui descritas, como programas educacionais (especialmente cursos de línguas), de autoajuda (meditação, yoga), *fitness*, empreendedorismo, *marketing* pessoal, humor em diversos formatos (*stand up*, imitação, sátira política, duplas, turmas), mistério (ovnis, conspirações, casos sobrenaturais), crimes, suspense, terror, religião, esportes, música, saúde, entre outras. (2018, p. 104)

A pesquisa intitulada “*Podcast Consumer*”, da empresa norte americana Edison Research, constatou que entre 2006 e 2016 o percentual de indivíduos adultos dos EUA que tinha familiaridade com o termo “*podcasting*” cresceu de 22% para 60%, o equivalente a um incremento de 168 milhões de indivíduos (VICENTE, 2017, p. 87). Além disso, o estudo apontou que, em 2016, 24% dos entrevistados afirmaram ter ouvido pelo menos um *podcast* no último mês enquanto 15% tinham ouvido um episódio na última semana – equivalentes, respectivamente, a 67 e 42 milhões de ouvintes (2018, p. 88). Alex Primo denomina esse quadro como uma mudança do modelo “*push*” (empurrado para a audiência) para o modelo “*pull*” (puxado pela audiência) (2007, p. 3). Desta forma, conteúdos massivos perdem espaço para aqueles que abordam temas específicos e que, ao tratarem com profundidade, conseguem fidelizar seu público. Essa é justamente a ideia de produzir “sob demanda”.

Santos e seus colegas (2018) nos instigam a pensar como técnicas e tecnologias estrangeiras são reconfiguradas e apropriadas em terras brasileiras. Para tanto, tomam como exemplo o movimento antropofágico fundado e teorizada pelo poeta paulista Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral. O movimento antropofágico, em síntese, trata de igualar a cultura brasileira às demais, não apenas rejeitando o que se origina fora do país, mas ressignificando e recriando a partir da arte estrangeira o que fortalece do nacional/local. Além disso, tratam a identidade latino-americana enquanto um “entre-lugar”, essa que não se expressa a partir de noções de pureza e unidade, como nos moldes europeus, e sim como ressignificação e recriação (MELO, 2010 *apud* SANTOS et al, 2018, p. 1-2) .

Para Santos et al, o Brasil se apresenta na “podosfera” como um espaço dominado predominantemente por “amadores” e tornou-se uma importante ferramenta de comunicação para setores marginalizados socialmente, servindo como um espaço para “militância” na defesa de seus direitos (2018, p. 12). Essas iniciativas conseguem exaltar características nacionais/locais das produções, além de conciliar o conteúdo com a possibilidade de utilizarem uma linguagem própria para se comunicarem com seu público alvo, realçando um traço próprio do formato (*ibid*). Assim, a cultura do *podcasting* implica considerar o contexto do Brasil. E apostamos que isso também pode se estender para o *podcasting* vindo do mundo acadêmico.

Célestin Freinet (1998) considera a cooperação como uma ação educativa conjunta, motivada pelo interesse espontâneo e envolta em uma atmosfera livre. Já Paulo Freire (1971) lembra que a educação não se resume à escolarização, mas também o que ocorre fora dos bancos escolares. Ao pesquisar o uso de *podcast* no Brasil, Eugênio Freire, apoiado nesses dois

autores, pensa que o uso brasileiro de uma tecnologia recente poderia configurar uma nova esfera educativa. Seguindo essa sugestão de Eugênio Freire, os *podcasts* também vêm ocupando notável espaço nas salas de aula. Por exemplo, Foschini e Taddei relatam que as universidades de Harvard e Stanford estão entre as pioneiras a usar *podcasts* como ferramenta educacional (2007, p. 10). Já Lenharo e Cristovão mantêm o projeto “O uso de podcast na educação continuada de professores de língua inglesa” em escolas do Paraná (2016). Esses autores avaliam que as ferramentas digitais são uma condição *sine qua non* para as práticas educativas da contemporaneidade (2016, p. 309). Além disso, diminuir o descompasso entre as práticas sociais e as práticas escolares é umas das tensões contemporâneas do trabalho docente (*ibid*).

Tratando do uso de *podcasts* no ensino superior, Borges considera muitas possibilidades para o uso de podcast:

En la clase magistral o exposición (“lecturecasting”), indicaciones para trabajo de campo, explicaciones para trabajos de laboratorio/simulaciones, refuerzo o consolidación de contenidos concretos, contenidos básicos o preparatorios, comentarios/información personalizada, ampliación/contenidos de actualidad y promoción docente e institucional. (Borges, 2009, pp. 44-46 *apud* Piñeiro-Otero e Domínguez, 2011, p. 19-20).

2.2 A PODOSFERA DA CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

Há milhares de podcasts sobre milhares de assuntos, eis o que tem sido chamado de podosfera. Aqui, queremos nos deter na podosfera científica, em particular, da Antropologia. Há mais divulgação científica sobre as áreas ditas “duras”, como as Ciências Biológicas e da Saúde. Nas colunas dedicadas à “ciência”, nos jornais e mídias impressas e televisivas, raramente figuram resultados de pesquisas humanísticas. Os blogs figuraram, por muito tempo, como uma forma estratégica de divulgação científica. Agora, parece que os podcasts têm se apresentado como um novo e promissor formato (KWOK, 2019, LUIZ, 2014). Mas ainda há poucos podcasts de ciência no Brasil até o momento (KWOK, 2019, p. 388), indicando um mercado grande por ser ocupado. Portanto, há um espaço a ser consolidado visando o reequilíbrio e uma maior representatividade das Ciências Sociais. Um *podcast* da área tem o potencial de explicar, de modo mais claro e informal, sobre os seus temas e objetivos de trabalho e ainda pode se transformar em uma habilidade para colocação profissional no mercado de trabalho. *Podcasts* são uma ferramenta com muito potencial para apresentar e traduzir a Antropologia para um público mais amplo. No último ano, 2019-2020, surgiram vários *podcasts* da área. É uma ferramenta muito nova e, ao que parece, tem se mostrado muito prolífica na área.

Atualmente, há aqueles que realizam, editam e veiculam entrevistas com antropólogas e antropólogos, sendo o formato mais comum. Nessa categoria, estão o Selvagerias (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), AntropoLógicas (Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE), Conversas da Kata (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB), Antrópolis (Departamento de Antropologia da UFPel), Larvas Incendiadas, Benzina, Terebentina e AntropoCast (*podcasts* privados). Podem contar com uma dupla ou um trio que dirige perguntas à convidada ou uma única anfitriã que recebe a participante para a conversa. Há o formato de mesas redondas de debates entre um elenco fixo e permanente de anfitriões, como o Antropologia e Pandemia (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, e o Observatório Antropológico (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPB). O Conversas In(Convenientes), dos colegas do PPGAS/UFSC; tem um formato de sala de aula, com várias pessoas discutindo um tema, uma autora ou um texto por mais de duas horas. Já o Mundaréu vem no formato de um duplo padedê (*pas-de-deux*) com duas anfitriãs fixas e, a cada episódio, duas convidadas novas. O Poéticas Sociais (Departamento de Ciências Sociais da UFU) e o Ciências Sociais e Coronavírus (ANPOCS et al) contam com formatos bem diferentes. O primeiro tem uma única anfitriã que relaciona Antropologia com Literatura de modo poético. O segundo reúne depoimentos, em primeira pessoa, sem mediação ou comentários do anfitrião.

Há equipes docentes (Mundaréu, Poéticas Sociais, Ciências Sociais e Coronavírus), discentes (Selvagerias, Conversas da Kata) e mistas (AntropoLógicas, Antrópolis, Observatório Antropológico, Conversas In(Convenientes). Há também programas produzidos por antropólogos já formados, mas não ligados necessariamente ao espaço docente ou universitário (Benzina, Terebentina e AntropoCast). O Selvagerias busca “um formato menos acadêmico, com elementos sonoros que sejam capazes de efetivar uma comunicação para pessoas que não compartilhem dos jargões antropológicos” (*site*, 2020). Alguns se especializam em subtemas da Antropologia (como o Antrópolis, dedicado à Antropologia urbana), outros tomam um tema para uma temporada inteira (Ciências Sociais e Coronavírus) e ainda outros não têm tema fixo, mas encaram a Antropologia em geral. Alguns se definem como atividades de extensão de um programa de pós-graduação, muitos são iniciativas de laboratórios, grupos ou observatórios de pesquisa. Alguns contam com financiamento de agências municipais, estaduais ou federais de amparo à ciência, outros reúnem serviços já disponíveis pelo campus universitário, como equipamentos de gravação e edição, estúdios das rádios locais, carros da universidade etc. Alguns contam com bolsas de produtividade em pesquisa, bolsas de iniciação científica, de extensão e docência. Muitos trabalham sem recursos específicos e agregam a

produção o podcast à agenda de trabalho cotidiano. Poucos têm tentando se monetizar, contando com apoio de doadores privados, parcerias de *merchandising*, assinaturas etc.

3 PRODUZINDO O MUNDARÉU

De início, foi importante pensar como se estabeleceria a parceria entre as duas universidades. No primeiro ano do projeto, em 2019, Soraya Fleischer, professora da UnB, foi sistematicamente a Campinas para trabalhar com Daniela Manica, professora da Unicamp. Esses encontros foram necessários para acertar a divisão de tarefas entre docentes, discentes e entre universidades. Depois, foram construídos o nome do podcast, sua identidade visual, o sítio eletrônico para explicar seus propósitos e reunir os episódios que viriam, listar os apoios e financiadores que foram se somando ao projeto. Também decidiram sobre os tocadores onde os episódios estariam disponíveis e as mídias sociais onde seriam divulgados na ocasião dos lançamentos. Quanto ao nome,

Não queríamos um nome para o podcast que tivesse os termos “pod”, “cast” nem “antropologia”, “antropo”, “antro”. Já havia outros programas que recorrem a esses sufixos e prefixos. Queríamos um nome que tivesse um significado em si mesmo, que não viesse da conjugação de partes e pedaços de outras palavras. Um termo que se sustentasse e, mais importante, que evocasse ideias. (Fleischer, 2020).

Nessa busca, chegamos a “mundaréu”:

A Antropologia tem por interesse o mundo, o mundão, a diversidade de povos, populações, sociedades. Queremos conhecer e entender o outro país, a outra cultura, o outro bairro. O termo remete ao mundo e também remete ao coletivo, um conjunto de coisas, uma renca de ideias, um tanto de temperos, um mundaréu de gente (...). Por isso, inclusive, (...) as imagens que usamos no site do podcast são sempre de conjuntos ou coleções, para sugerir o social, a sociedade, esse pressuposto importante para os estudos da Antropologia. (*ibid*)

Definido o formato básico – a conversa com uma dupla, uma antropóloga e sua interlocutora – partimos para o formato interno do episódio. Há cinco blocos de conteúdo que chamamos da seguinte maneira: Abertura, Bloco 1, Miolo, Bloco 2 e Fechamento. Na Abertura, a música do Mundaréu abre o episódio, as duas anfitriãs apresentam o *podcast*, a si mesmas e suas universidades e introduzem o tema e as convidadas do episódio. Relatam também a data e o local daquela gravação. Para passar ao primeiro Bloco, uma música que se relacione especificamente àquele episódio faz a transição. Geralmente, a música é sugerida pelas convidadas, seja porque se relaciona aos assuntos que vão discutir, seja

porque é uma banda ou cantora da região das entrevistadas, por exemplo. Esse bloco inicial serve para conhecermos um pouco da trajetória das convidadas com foco no tema a ser tratado, ligando essa trajetória ao tema do episódio e ao momento em que a dupla se conheceu. Outra transição musical ajuda a chegar ao Miolo. Nesse momento, as duas professoras-anfitriãs tecem comentários sobre o que foi discutido no Bloco 1, ressaltam pontos especialmente produtivos para pensar sobre a Antropologia e sua forma de trabalho. Outro trecho da música é escolhido, muitas vezes, valorizando uma estrofe que se relacione diretamente com os assuntos que estão por vir no Bloco 2. Aqui, o episódio se aprofunda em como a pesquisa aconteceu, aspectos metodológicos, éticos e políticos dessa pesquisa a partir das perspectivas da dupla. E no Fechamento, para o qual já somos levados novamente pela música-vinheta do Mundaréu, que ajuda a consolidar sua identidade, e as anfitriãs elaboram, de modo mais sucinto, sobre conteúdos que tenham surgido no segundo bloco e já encaminham para a conclusão do episódio. Nessa altura, é importante fazer os agradecimentos, explicitar os créditos, os membros da equipe, pontuar os financiamentos e bolsas concedidas.

3.1 ETAPAS DE PRODUÇÃO

Nessa seção, pretendemos descrever como o Mundaréu é produzido. Deve ser semelhante para vários outros podcasts científicos, mas vale a pena sistematizar a experiência, como uma contribuição para pensarmos essa prática também como parte de nosso cotidiano científico, pedagógico e extensionista. Não naturalizar os bastidores da ciência é fundamental para elaborarmos-na de modo replicável, transparente e público.

Embora aqui essas etapas estejam em ordem linear e crescente, é bom lembrar que vários episódios estão sendo produzidos simultaneamente, cada um em uma dessas etapas.

Parte A: Definição da pauta: convidadas, tema e convites

- 1) Escolha de uma antropóloga ou antropólogo que esteja fazendo uma pesquisa interessante, que tenha facilidade narrativa para contar histórias do campo, histórias do trabalho.
- 2) A antropóloga escolhe uma interlocutora da pesquisa. Isto é, alguém com quem esteja trabalhando e que tenha vontade, interesse e facilidade para contar histórias, lembrar de exemplos e passagens vividas juntamente com a pesquisadora antes, durante ou depois do trabalho.
- 3) Todos estes convites são feitos e um cronograma coletivo de gravações começa a ser desenhado.

Parte B: Conversas preparatórias

4) Realização de uma conversa prévia com cada uma das convidadas. Essa conversa é marcada de antemão para um momento que seja oportuno e conveniente para as duas pessoas. Acontece por telefone, *WhatsApp* ou *Skype* e gravada mediante o consentimento dessa convidada.

5) Elaboramos um roteiro para essas conversas com base no tema, no que conhecemos do trabalho da antropóloga, no seu Currículo Lattes, das atividades que a dupla fez junta etc. As perguntas são feitas e deixamos a convidada contar, lembrar, refletir. Vamos fazendo perguntas para auxiliar na memória e na contação. Em geral, queremos saber da trajetória das pessoas, como se conheceram, que tipo de trabalho realizaram juntas, momentos dilemáticos, difíceis e bacanas da relação etc. Essa conversa também ajuda para já ambientar sobre o Mundaréu, a dupla já fica sabendo sobre o que conversaremos no estúdio.

6) Anotamos pontos centrais da conversa.

7) As duas conversas telefônicas são integralmente transcritas.

Parte C: Elaboração do roteiro e gravação

8) A partir das transcrições das duas conversas telefônicas e das anotações feitas, criamos o roteiro de gravação.

9) Estúdios são muito concorridos. A data para gravação deve ser definida de antemão com as convidadas e com o estúdio.

10) A gravação acontece em um estúdio profissional, com ajuda do técnico de gravação e com a presença das bolsistas e das duas anfitriãs do Mundaréu. A gravação com a dupla acontece, em geral, em 60 minutos. O roteiro de gravação funciona como guia principal dessa conversa, mas outras perguntas espontâneas podem surgir no momento. Depois, as duas anfitriãs ficam outros 30 minutos para gravar, no improviso, as suas impressões e comentários sobre a conversa.

Parte D: Elaboração do roteiro de edição

11) As duas gravações realizadas no estúdio - a conversa com as convidadas e o improviso entre as anfitriãs - são transcritas integralmente.

12) A partir de 4 materiais (2 conversas preparatórias, 1 conversa com as convidadas e 1 improviso), elaboramos o roteiro de edição. Lemos tudo, decidimos qual será o tema central do episódio, selecionamos trechos,

histórias e diálogos para compor o roteiro. É preciso ter 2 grandes blocos de conteúdo e 1 miolo, momento intermediário do episódio em que as duas anfitriãs comentam os conteúdos.

13) Depois da seleção dos trechos de texto, é importante “bater o áudio”. Quer dizer, ouvir os trechos selecionados e confirmar se há qualidade de áudio e de fala para ser usado.

14) A partir do tema e das sugestões das convidadas, escolhemos uma banda e/ou uma música para ambientar o episódio. Escrevemos aos músicos e pedimos formalmente a autorização para usar as músicas no episódio.

Parte E: Edição do áudio

15) A partir do roteiro de edição, o material em áudio é cortado. A montagem é feita no *Audacity*, um software livre e gratuito. Um primeiro corte do episódio, com as gravações, com a música-tema e a música do Mundaréu é ouvido.

16) Uma edição mais fina é realizada, retirando e corrigindo problemas (cacofonias, diferenças de volume e clareza, repetições, excessos de informação).

17) O nome do episódio é decidido. Podemos usar palavras e termos que apareceram como importantes e centrais nas conversas; trecho de uma publicação das convidadas; trecho de uma das músicas do episódio, por exemplo.

Parte F: Divulgação

18) O texto do sítio eletrônico é produzido. Conta com um resumo do episódio, o expediente da equipe que nele trabalharam, créditos de materiais extras que foram usados (músicas, ambientações sonoras etc.) e agradecimentos a todas que, de alguma forma, ajudaram o episódio a tomar forma. É muito importante ter corretamente os nomes de todas as pessoas e os links de acesso aos materiais extras. Uma imagem representativa do tema é escolhido. Temos preferido imagens que representam coletivos, grupos, conjuntos.

19) Publicamos o episódio no sítio eletrônico do Mundaréu e nos tocadores.

20) O episódio é enviado às convidadas e pedimos que nos ajudem a divulgar.

21) Materiais de divulgação são produzidos. Posts, fotos tiradas no dia da gravação, trechos de áudio, ideias e frases serão publicados nas redes sociais

junto com o episódio. Também utilizamos grupos de e-mails e canais de divulgação institucional para espalhar a notícia do lançamento. Fazemos envios para grupos e pessoas estratégicos, conforme o tema do episódio.

22) Registramos as reações que recebemos, mediante consentimento das pessoas. Esses retornos vêm por e-mail, redes sociais, áudios de *WhatsApp*, encontros presenciais. Os retornos têm sido um material importante para refletir sobre a produção de podcasts e deste, em particular.

3.2 DESAFIOS APRESENTADOS PELO MUNDARÉU

Dentro de uma produção prolífica de podcasts da Antropologia no último ano, como já mencionamos, um dos desafios era criar um formato diferente e inovador para o Mundaréu, para que ele pudesse oferecer algo a mais na podosfera. A interlocução entre antropóloga e interlocutora é o ponto alto do programa, a nosso ver, mas não foi fácil chegar à essa ideia e amadurecê-la.

Escolher o nome também foi um grande desafio. Sabíamos que não queríamos o lugar comum de usar “pod” nem “antropologia” ou “antro”, “antropo”. Queríamos um nome que falasse por si mesmo, que remetesse a um lugar, uma imagem. Dezenas de ideias surgiram até que consensuássemos em “Mundaréu”.

Descobrir quais *softwares* de gravação e edição estavam disponíveis livre e gratuitamente e escolher o de uso mais amigável e de resultado com maior qualidade também foi uma etapa trabalhosa. Sempre quisemos conhecer os meios de produção e não apenas gravar e discutir os conteúdos. Por isso, foi importante discutir sobre os editores e depois também sobre os tocadores, como subscrever o podcast, como criar os *feeds*, como priorizar aqueles de acesso gratuito pelos ouvintes. Isso também valeu para a tecnologia de criação e atualização do *website* e de conversão de arquivos em vídeo, por exemplo, para MP3 de áudio, no caso de músicas e efeitos sonoros.

Materiais auxiliares precisaram ser encontrados, como as fotografias que usamos no site, que vêm de bancos de imagens livres. No caso da música, fomos afortunadas de o projeto ter agradado às cantoras brasileiras, Danú e Tatá, que ofereceram o “Quem canta” como identidade musical do Mundaréu nesta sua primeira temporada. No caso das músicas específicas, que são sugeridas pelas convidadas, é preciso negociar a autorização com cada cantor, cada banda. Aqueles que têm os direitos sobre suas próprias músicas mais facilmente nos concedem o uso. Mas já tivemos o uso negado quando uma música, por exemplo, era propriedade de uma grande gravadora estrangeira, mesmo que sempre esteja explicado que o nosso projeto não tem fins lucrativos e comerciais, mas sim educacionais e científicos.

A logística com as convidadas também precisou ser pensada. Na primeira temporada, todas as conversas com elas foram gravadas presencialmente. Como não dispomos de recursos para passagens e diárias para que elas nos encontrassem ou vice-versa, priorizamos nomes que vivem e trabalham no eixo São Paulo-Campinas. Alguns trabalhavam por ali, outros estavam de passagem e aproveitamos esse momento. Tentamos também adequar nossas agendas, dias e horários, às das convidadas, que já estavam se dispondo a passar algumas horas dedicadas ao trabalho conosco.

Em termos de conteúdo, um dos grandes desafios é ter concisão e clareza, para que a comunicação possa ser eficiente. A edição final do episódio deve ter por volta de 40 minutos, uma escolha deliberada que fizemos para, por um lado, evitar arquivos pesados ou longos demais e, por outro, ter tempo de contar histórias, aprofundar em algumas delas, permitir respiros e sensações. O nosso cálculo é que a duração permita que o episódio possa ser ouvido, mais ou menos, em duas lavadas de louça ou em um trecho da locomoção diária até o trabalho e/ou a universidade. Assim, apostamos que o episódio pode caber dentro da rotina do cotidiano. O desafio é que partimos de cerca de 300 minutos de material bruto (duas entrevistas prévias, conversa coletiva e conversa para o Miolo), para chegar aos 40 minutos editados finais. Foi preciso aprender a definir a pauta, os temas principais, priorizar os melhores trechos em termos de ideias e também com qualidade sonora (e, por vezes, o segundo aspecto comprometia o primeiro) e fazer escolhas. Sabemos, portanto, que esse desafio trata de não reduzir realidades, que são imensas e complexas, em 40 minutos de episódio. O tom e a análise que fazemos nos episódios não podem ser resolutivos, encapsulantes, essencializadores. Estamos falando, afinal, a partir e também para uma área que tem por patrimônio as monografias, textos de 400 páginas para explicar um ponto, um rito, uma prática. Há um gigantesco desafio ao trafegarmos por outro formato, muito mais enxuto, muito mais direto. (Fleischer, 2020).

As anfitriãs e as convidadas não têm muita familiaridade com microfone, gruas, gravação, estúdio. Geralmente, falam de improviso, são seres familiares com a sala de aula e o formato de palestra. Por isso também, falam muito, por muitas horas e sem interrupção. Para um podcast, nada disso é conveniente e tivemos que reaprender outra forma de falar. Ficar no espectro de captação do microfone exigiu controlar melhor a boca, a cabeça e todo o corpo. Não é possível mexer demais na cadeira nem gesticular para falar, tanto porque o som fica irregular e heterogêneo em sua intensidade, como também a própria cadeira emite ruídos indesejados, os anéis podem bater na mesa e produzir ruídos etc. Falar devagar, com uma cadência interessante e autoral, evitar cacofonias e maneirismos pessoais.

Evitar fungadas, tosses, boca seca ou empapada foram todos aprendizados para conviver mais harmonicamente com a parafernália de estúdio.

Há outros desafios que têm sido notados e paulatinamente enfrentados. Nem toda colega da área percebe um podcast como uma produção acadêmica, embora as métricas de qualidade do MEC e suas agências financiadoras (CAPES e CNPQ, principalmente) estão a considerar cada vez as atividades que se referem à “produção técnica” bem como a “popularização da ciência”. O artigo publicado em periódico de estrato superior é ainda o produto mais valorizado na e pela intelectualidade (Sanjek, 2015: 292-293). Além de certo preconceito com as iniciativas que traduzem e aplicam a Antropologia, contamos ainda com a não familiaridade com a mídia de podcasts, tanto entre docentes quanto entre discentes, embora os últimos tendam a já ser os ouvintes mais interessados e assíduos. Sabemos que as Ciências Sociais têm por tradição a leitura, a letra, o livro. O tipo de concentração exigido para ler é muito diferente do que para ouvir. Há um desafio em socializar as pessoas para o podcast, para o tempo de um episódio, mais longo do que uma música, um programa de rádio. Apostamos que a contação de histórias e a narrativa pessoal sejam bons argumentos nesse sentido. (Fleischer, 2020).

Como a literatura comentada tem mostrado, a audiência de podcasts têm aumentado progressivamente no país. Por fim, temos investido em desdobrar o projeto, que tem muito clara a finalidade como pesquisa e extensão, mas também pode ter espaço em atividades pedagógicas. Como utilizar um podcast como recurso didático, como trazer o áudio para dentro da sala de aula, como aprender Antropologia ouvindo histórias são desafios que desejamos enfrentar nas próximas etapas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os retornos que recebemos sobre o programa até o momento foram muito positivos. Foram relatos de outras antropólogas e também professoras e pesquisadoras de outras áreas, estudantes de vários cursos, amigas, familiares e públicos diretamente relacionados aos temas dos episódios (profissionais do sexo, profissionais da saúde integrativa e complementar, população transexual, assentados rurais, alunos e lideranças indígenas, mães e familiares de pessoas com autismo etc.).

Santos et al lembram que a forma como a maioria do público brasileiro ouve o *podcast* está direcionada a uma participação, a ideia de um consumo coletivo e trocas de experiência que se expressam a partir dos comentários (2018, p. 13). Por isso, temos reunido, sistematizado e analisado os depoimentos que as pessoas nos enviam via e-mail, mensagens de *WhatsApp* e nas mídias sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Tem sido uma

fonte importante para nossa autorreflexão e autocrítica, sempre tentando aprimorar o programa. Até agora, foram dezenas deles e outro texto está sendo produzido para sistematizar e analisá-los de modo mais detido. Por enquanto, aqui reproduzimos alguns, como ilustração:

Achei bem acessível, o que facilita a vida de quem não é da área. Bem completo em mostrar, também, como as pesquisas na antropologia funcionam e o tanto de gente, de redes e de investimento que elas articulam e demandam. Tá muito bem editado também, o som tá ótimo! Gostei da ideia de fazer um diálogo entre um pesquisador e uma interlocutora, assim temos tanto a perspectiva do antropólogo, como as impressões sobre ele e, especialmente, os diálogos que deram certo, o tipo de relação de pesquisa que funcionou para aquele contexto e como rolam as negociações para fazer a pesquisa. Bem iluminador pra quem quer se aproximar do tema, mas também para pesquisadores em geral, especialmente aqueles que estão começando.

Ouçó desde o começo e fico muito feliz quando tem episódio novo. Gostei especialmente e fiquei muito emocionada com o episódio sobre transexualidade e achei muito interessante o último episódio que saiu, mais solto e com essa reflexão sobre o que faz um antropólogo. Acho o tema muito interessante. Eu gosto também do formato que criaram, de chamarem sempre antropólogo e interlocutor. O interlocutor traz narrativas muito interessantes, eu adoro ouvi-los. É como falaram sobre a aluna indígena fazer parte do CONSU [Conselho Universitário, máxima instância decisória da Unicamp]: é diferente falar por e falar com, né. Mas, por outro lado, pensei que alguns trabalhos talvez não coubessem nesse formato, né? Por exemplo, alguém que trabalha com arquivos ou imagens. Não sei como seria [fazer um episódio do Mundaréu sobre isso]. Mas pelo que eu entendi vocês vão fazer algumas temporadas, né? Estou muito interessada no que está por vir. A qualidade do podcast é impecável. Não parem, por favor.

O podcast pode nos ajudar no trabalho antropológico não só pelo discurso que o Mundaréu tem trazido, mas também pela forma..

Muitas coisas da Antropologia vou compreendendo melhor com as etnografias. Além disso, a pauta escolhida é emergencial nestes tempos em que os preconceitos mostram que fechamos os olhos para as pessoas, que deixamos muitos de fora da ideia de humanidade. A abordagem sobre a

metodologia me ajuda muito e, acredito, ajuda a muitos estudantes de Antropologia. É lindo o podcast, de uma generosidade, sensibilidade, acolhimento, respeito, seriedade, comprometimento. Elementos que tenho pensado que preciso colocar mais em prática. Ah, e ainda tem a importância da escuta.

Também recebemos sugestões, por exemplo, para falar de modo menos roteirizado e mais espontâneo. Nomes, pesquisas e universidades nos foram sugeridas. Acreditamos que os *feedbacks* são fundamentais para apurarmos o rumo e continuarmos produzindo Antropologia de qualidade e, mais importante, de modo acessível e compreensível, desafiando a prosa hermética, verborrágica e propositalmente sofisticada demais da nossa área.

Futuramente, o Mundaréu pretende prospectar mais recursos para que, uma vez que deixemos o isolamento físico imposto pela pandemia do Covid-19, possamos ir até a dupla de convidadas, em vez de recebê-la em estúdio. Quer dizer, almejamos falar da pesquisa no local onde ela estiver acontecendo, *in loco*, exatamente quando antropóloga e interlocutora estão em diálogo, negociação e convivência. Também temos escrito textos como esse, que não só sistematizam nossos processos e aprendizados, como também serão apresentados em congressos acadêmicos da área e depois devem ser destinados à publicação em periódicos da área. Vencemos um edital do Centro de Educação à Distância (CEAD/UnB) para experimentar o Mundaréu como um material didático dentro de salas de aula do curso de Antropologia, Sociologia e Saúde Coletiva. Seis estudantes de graduação foram selecionados, metade receberá uma bolsa do CEAD e a equipe acompanhará esses experimentos e também produzirá seus próprios episódios, numa temporada específica do Mundaréu, que chamaremos de “O mundo em sala de aula”³.

Em tempos de isolamento físico, também apostamos que o *podcast* pode ganhar utilidade especial no diálogo com as estudantes. Pode permitir o aprendizado continuado e atualizado sobre Antropologia, conhecendo pesquisadoras, bibliografia, ideias. Pode ajudar a traduzir antropologicamente o fenômeno planetário da pandemia do Covid-19 e a imaginar formas de fazer pesquisa neste momento de imobilidade e risco. Poder oferecer companhia para momentos de solidão e desesperança, criando uma certa comunidade de podcasters, estudantes e pesquisadores da área.

Dado que tantos *podcasts* de Antropologia surgiram no último ano, queremos propor um encontro de *podcasters*, de modo presencial ou no formato

3. Esta série foi produzida e concluída ao longo de 2020. Pode ser encontrada no sítio do Mundaréu: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>>

de *webinar* com vistas a trocar experiências e criar o senso de comunidade. Por fim, uma última iniciativa que estamos começando é o “Ondas científicas”, um braço do Mundaréu que pretende ser apresentado a rádios públicas e comunitárias. A ideia é negociar um espaço semanal em rádios locais para a reprodução de um consórcio de podcasts de ciência, como a Antropologia e outras áreas, num claro intuito de popularizar e democratizar o acesso à produção científica, tornando-a cada vez mais próxima e clara para a população em geral, não só a acadêmica.

A experiência do Mundaréu tem sido muito exitosa para toda a equipe. O desafio de produzir Antropologia em outro formato, oportunidade de profissionalização para tantas estudantes envolvidas, imbricação de docência, extensão e pesquisa, fortalecimento da universidade e da ciência brasileiras. São todos efeitos que almejamos com esse podcast, com essa aventura de fazer a Antropologia ganhar mundo.


REFERÊNCIAS

- Aguiar, Lisiane Machado e Luan Correia Cunha Santos. 2018. Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp. 1-388-416.
- Charon, Rita. 2006. *Narrative medicine: Honoring the stories of illness*. New York: Oxford University Press.
- Fleischer, Soraya. 2018. Por mais experimentos de escrita antropológica. Resenha do livro *Crumpled Paper Boat: Experiments in Ethnographic Writing*, de Anand Pandian e Stuart McLean (orgs.). *Revista de Antropologia* 61(2), pp. 208-213.
- Fleischer, Soraya. Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia. Entrevista. <https://dissertacaosobreedc.blogspot.com/2020/06/entrevista-professores-usam-o-podcast.html> (acessado 06/2020).
- Fleischer, Soraya e Daniela Manica. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. *Boletim da Anpocs “Ciências sociais e o Coronavírus”*. <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2409-boletim-cientistas-sociais-n-78> (acessado em 07/07/2020).
- Foschini, Ana Carmen e Roberto Romano Tadde. 2006. Coleção *Conquiste a rede*. Blog.
- Freire, Eugênio Paccelli Aguiar. 2013. Podpesquisa: análise educativa de uma pesquisa sobre podcasts. *Poiésis. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, 7(11), pp. 149-167
- Freire, Eugênio Paccelli Aguiar. 2015. Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma Perspectiva freinetiana. *Revista Brasileira de Educação*, 20(63), pp. 1033-1056
- Guerrero, Boris Quintana, Carolina Parra Duque e Johanna Paola Riaño Peña. 2017. El podcast como herramienta para la innovación en espacios de comunicación universitarios. *Anagramas-Rumbos y sentidos de la comunicación-*, v. 15, n. 30, pp. 81-100.
- Günther, Luisa. 2013. *Experiências (des)compartilhadas: arte contemporânea e seus registros*. 402 f., il. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Haraway, Donna. 2016. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.

- Howell, Signe. 2010. Norwegian Academic Anthropologists in Public Spaces. Special issue "Engaged Anthropology: Diversity and Dilemmas". *Current Anthropology* 51(S2), pp. S269-S277.
- Kwok, Roberta. 2019. Listen up. *Nature* 565, pp. 387-389.
- Lenharo, Isadora e Lopes Cristovão. 2016. Podcast, participação social e desenvolvimento. *Educação em Revista*, v. 32, n. 01, pp. 307-335.
- Luiz, Lucio (org). 2014. *Reflexões sobre o podcast*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora.
- Manica, Daniela, Regina Goldenberg e Karina Asensi. 2018. CeSaM, as células do sangue menstrual: gênero, tecnociência e terapia celular. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, UERJ, v. 20. p. 93-113.
- Mundaréu*. Produção de Daniela Manica e Soraya Fleischer. Podcast. <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/>>.
- Otero, Teresa Piñeiro e David Caldevilla Domínguez. 2011. Podcasting didáctico. Una aproximación a su uso en el ámbito de la universidad española. *Sapiens. Revista Universitaria de Investigación*, v. 12, n. 2, pp. 14-30.
- Primo, Alex. 2006. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; 2006, Brasília. Anais.
- Sanjek, Roger. 2015. Conclusion. ____ (org.). *Mutuality. Anthropology's changing terms of engagement*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Vicente, Eduardo. 2018. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. *Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas*, pp. 87-107

PODCASTS:

- Antropópolis*. <https://anchor.fm/antropolis>
- Antropologia e pandemia*. <https://podcasts.apple.com/br/podcast/ifch-unicamp/id1515018287>
- AntropoLógicas*. <http://www.ufpe.br/ppga/noticias/>
- Benzina*. <https://open.spotify.com/show/0eYpoEXySk4pSUvGLinjn>
- Cientistas sociais e o coronavírus*. <https://anchor.fm/cienciassociaisecorona/episodes/Ciencias-Sociais-e-Coronavirus---Profissionais-de-sade-ecpqsn>
- Conversas da Kata*. <https://open.spotify.com/show/4tE4GKroc70uE8wkdEsNjK>
- Conversas In(convenientes)*. <https://anchor.fm/podcast-conversas-inconvenientes>
- Mundaréu*. <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>
- Observantropologia*. <https://www.facebook.com/observantropologia/>
- Poéticas sociais*. <https://open.spotify.com/show/5vhBPyoPu6VvHRCWYuUKIX>
- Selvagerias*. <https://selvageriaspodcast.org/>
- Terebentina*. <https://open.spotify.com/show/1juwqYHivikTthCLpXxyR8>



Soraya Fleischer é Professora do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade de Brasília (UnB). Junto com Daniela Manica (Universidade Estadual de Campinas), coordena o Mundaréu; é membro do Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva (CASCA) da UnB; e editora executiva do *Anuário Antropológico*, periódico do DAN/UnB. E-mail: soraya@unb.br

Julia Couto da Mota é estudante de Antropologia na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: julia.mota@aluno.unb.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Contribuição de autoria. Soraya Fleischer e Julia Couto da Mota: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Recebido: 13/07/2020

Aprovado: 09/09/2020